

Realização e envio por e-mail, para o endereço [candidaturas@esmae.ipp.pt](mailto:candidaturas@esmae.ipp.pt), de um único documento vídeo. O vídeo apresentado deverá seguir o modelo, que pode ser visionado através do seguinte endereço:

<https://youtu.be/gnTUsuW29TA>

A realização do Vídeo deverá ser:

- ininterrupta,
- realizada sem cortes,
- com câmara fixa.

Deverá conter:

1. uma breve apresentação do candidato

- a) nome completo
- b) número do cartão de identificação
- c) informação sobre a proveniência, cidade e escola
- d) breve comentário de motivação;

2. e um dos textos monologados (apresentados neste documento) que constam das provas impostas, imediatamente a seguir a esta apresentação, feitos duas vezes, sem paragens: a primeira vez com a câmara próxima do rosto e a segunda vez mostrando o candidato em corpo inteiro;

CENA III – Quarto de Julieta

**JULIETA**

Sim, esse é o vestido que melhor me fica... Mas, minha boa ama, deixa-me sozinha esta noite, peço-te, pois necessito de rezar muito, para decidir os Céus a abençoarem a minha situação, que, como sabes, é irregular e cheia de pecados.

(...)

Adeus! Quando nos tornaremos a ver, só Deus sabe. Sinto um arrepio de medo que me corre pelas veias e quase me gela o calor da vida... Vou chamá-las para me darem coragem... A ama!... Para que a queria eu aqui? É sózinha que eu tenho de representar esta terrível cena. Peguemos no frasco... E se esta mistura não produzisse efeito? Estaria então casada amanhã? Não, não! Eis quem me defenderia. Repousa aí! (*Coloca o punhal ao seu lado.*) E se isto fosse um veneno com que o monge me quisesse matar por temer a desonra que lhe causaria este casamento, visto já me ter casado com Romeu? Tenho medo que assim seja! Mas não, não é possível, pois ele sempre foi tido por um santo. E se, uma vez no túmulo, eu acordasse antes de Romeu me ir libertar? Oh! Isso seria terrível! Não serei capaz de asfixiar no túmulo, cuja boca imunda jamais respira ar puro, e não morrerei sufocada antes de Romeu chegar? Ou, mesmo, se viver, não é muito provável que a horrível impressão da morte e da noite, aliadas ao terror do lugar – esse túmulo, esse velho sepulcro, onde, há tantos séculos, são amontoados os ossos de todos os meus antepassados, onde o cadáver ensanguentado de Tebaldo, ainda há tão pouco sepultado, começa a putrefazer-se sob o lençol, onde, segundo dizem, a certas horas da noite pairam os espíritos! –, meu Deus, meu Deus! não é possível que, despertando antes da hora, no meio de exalações infectas e de gemidos semelhantes aos da mandrágora ao ser arrancada da terra – gemidos esses que enlouquecem os mortais que os ouvem –, oh! não é provável que, se acordar nesse instante, eu perca a razão, ao ver-me cercada de todos esses monstruosos horrores? E então, louca, não serei capaz de brincar com os ossos dos meus antepassados, arrancar do seu lençol o cadáver desfigurado de Tebaldo e, neste delírio, servir-me de um osso dum nobre antepassado para com ele, à maneira de maço, quebrar o meu crânio? Oh! parece-me ver o espírito do meu primo perseguindo Romeu, que lhe atravessou o peito com a ponta da espada... Parai, Tebaldo, parai! Romeu, meu Romeu! É por ti que eu bebo isto! (*Cai sobre a cama, por detrás das cortinas.*)

CENA III – Um cemitério

**ROMEU**

*[mata Paris]*

Examinemos-lhe o rosto. Um parente de Mercúcio, o nobre conde Páris. Que me vinha dizendo o meu criado pelo caminho? A minha alma, batida pelas tempestades, não lhe deu atenção...

Julgo que me contou que Páris devia casar com Julieta. Ter-me-ia dito isto, ou fui eu que sonhei? Ou estou tão doido que imaginei isto só pelo facto de o ouvir falar de Julieta? Como eu, foste também inscrito no livro da adversidade. Vou sepultar-vos num túmulo glorioso... Um túmulo? Oh! não, pobre vítima, não é um túmulo, mas um farol, pois Julieta repousa ali e a sua beleza faz deste sepulcro um palácio iluminado. Oh, morto, repousa aqui; é outro morto que te enterra. *(Depõe Páris no túmulo.)* Quantas vezes os moribundos experimentam um momento de alegria! É aquilo a que costumam chamar o relâmpago precursor da morte... Ah! Como eu posso comparar isto a um relâmpago? Oh! meu amor! minha esposa! A morte, que sugou o néctar do teu hálito, não teve ainda poder sobre a tua beleza. Ela ainda não te conquistou; o pavilhão da beleza ostenta-se ainda rubro nos teus lábios e nas tuas faces, e o pálido estandarte da morte ainda não conseguiu arvorar-se aí. Tebaldo! Eis-te aqui envolto no teu lençol sanguinolento! Que maior reparação posso fazer-te do que, com esta mão que decepou a tua mocidade, matar aquele que foi teu inimigo? Perdoa-me, meu primo! Oh! minha querida Julieta, porque estás tu ainda tão bela? Devo acreditar que o incorpóreo fantasma da morte se apaixonou por ti, e que esse monstro esquelético e horrível te guarda aqui na escuridão para fazer de ti sua amante? É para te defender que eu ficarei a teu lado para sempre e nunca mais abandonarei este palácio, onde reina a sinistra noite. É aqui que eu quero ficar com os vermes, teus servidores. Aqui fixarei a minha eterna morada, libertando do jugo das estrelas funestas este corpo fatigado do mundo. Fitai-a pela última vez, olhos meus, e vós, meus braços, dai-lhes o vosso último abraço. Vós, meus lábios, vós, que sois as portas da respiração, selai com um legítimo beijo o pacto eterno com a morte voraz. Vem, amargo e fatal guia! Vem, piloto sem esperança, e atira contra os rochedos o meu batel fatigado da tormenta! Por ti, minha amada! *(Bebe o veneno.)* Abençoado boticário! É activa a tua droga! Assim... morro com um beijo! *(Morre.)*

*ROMEU E JULIETA de William Shakespeare  
Ed. Publicações Europa-América, 1977  
Tradução de Maria José Martins*